

Revista Contraponto: análise do processo de produção na disciplina Planejamento Editorial do curso de Jornalismo da UFRRJ ¹

Ivana BARRETO ²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Resumo

O presente texto apresenta o processo de produção, para a disciplina Planejamento Editorial, do curso de Jornalismo da UFRRJ, da revista *Contraponto* e da reportagem Para sempre mães de anjos. O veículo e o citado texto, desenvolvidos por quatro alunos, durante um semestre letivo, pretendem ser um contraponto ao conteúdo excludente da mídia tradicional, apresentando visões mais humanizadas sobre o Rio de Janeiro e seus personagens. A capital carioca e sua sub-representação na grande mídia foi o tema eleito pelos discentes, que objetivaram realizar, sob a orientação e supervisão da docente responsável pela disciplina e autora deste relato, coberturas reflexivas, contribuindo para o questionamento de estereótipos e para a visibilidade dos conflitos sociais.

Palavras-chave: jornalismo; revista; processo; produção; experimentação.

1- Introdução

O curso de Jornalismo da UFRRJ tem como principais objetivos formar profissionais e cidadãos críticos, com visão global e multidisciplinar, capazes de atuarem em um mercado de trabalho cada vez mais diversificado, especializado e competitivo. Além disso, é preocupação de todo o corpo docente oferecer ao aluno ferramentas que possibilitem não só sua atuação intelectual como também profissional. Apesar de ainda enfrentarem dificuldades relativas à infraestrutura física e à falta de equipamentos, professores e alunos comungam do desejo de realizarem um curso com qualidade, atento à um projeto de sociedade que objetiva a melhoria do nível de vida dos que nela moram. Uma sociedade, já há décadas, em processo de profundas transformações.

No que diz respeito às disciplinas oferecidas no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), tanto as teóricas quanto as práticas, os conteúdos e as propostas pedagógicas têm

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso no XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo da UFRRJ, email: ivanabarreto75@gmail.com.

como propósito último desenvolverem nos discentes um olhar crítico e humanizado para as questões sociais, além das habilidades técnicas exigidas por um mercado profundamente modificado pelas Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICs). Mercado que espera um profissional multifacetado, capaz de desempenhar várias funções. E, no sentido de preparar profissionais com este perfil, o curso pretende mesclar conhecimentos de outras áreas, como Ciência Política, Educação, Antropologia, Sociologia, História, Economia, Letras, Direito, Belas Artes, Administração e Filosofia, aos conhecimentos específicos do campo da Comunicação Social. Sempre a partir da premissa de que o objeto do estudo do jornalismo é a informação de interesse social.

Assim, diante desse novo e igualmente multifacetado mercado de trabalho que vem se configurando nas últimas décadas, é preciso repensar a habilitação dos alunos e incluir nas ementas de várias disciplinas tópicos voltados para um novo estudo do tratamento da notícia, singularizado, que destaca a necessidade das coberturas locais, direcionadas para a comunidade que os jornais, revistas e produtos de outras mídias atingem. Nesse aspecto, concordamos com Jawsnicker (2008), quando afirma que “os jornais deveriam, ainda, refletir sobre a importância em diferenciar e singularizar a produção e tratamento da notícia, por meio de uma cobertura mais local, focada na comunidade ao qual o jornal atende”³

Afinal, aqui partimos do pressuposto de que o leitor merece ser contemplado com textos que contendam mais do que simples declarações, indo além do jornalismo oficial e declaratório. Nesse sentido, diversas disciplinas práticas, reunidas no PPC do curso de Jornalismo da UFRRJ, reformulado em 2015, passaram a incluir em suas ementas subsídios/conteúdos capazes de possibilitarem aos futuros jornalistas entenderem e atingirem - da melhor maneira possível – as demandas e desejos dos leitores.

O presente estudo ressaltará o projeto desenvolvido com os alunos do quarto período do curso na já citada disciplina Planejamento Editorial. Com o objetivo de elaboração de uma revista, os estudantes – sob a orientação da docente responsável pela disciplina, autora deste texto – desenvolveram um trabalho que incluiu desde o planejamento editorial até a edição final, editoração e impressão do veículo. Todo o

³ JAWSNICKER, Claudia. O futuro dos jornais: reflexões a partir da reconfiguração da esfera pública na contemporaneidade. Revista Comunicologia, Ano 02, nº 03, 2008. Disponível aqui. Acesso em 10/07/2016.

processo de produção promoveu, ainda, o encontro com as disciplinas Fotojornalismo e Editoração Eletrônica.

Divididos em grupos de seis componentes, os discentes – mesmo com as já mencionadas dificuldades de infraestrutura que o curso enfrenta, atingiram de forma bastante satisfatória o objetivo lançado pela docente no início do período letivo: produção de veículos voltados às reais demandas de seus públicos leitores. Como resultado final, foram elaboradas seis revistas com propostas alternativas e, em certo sentido, inovadoras, quando comparado com o que vem sendo realizado pela mídia tradicional. Saúde mental, entretenimento, cultura e o segmento feminino foram alguns dos temas dos produtos apresentados. Um deles, a revista *Contraponto*, produzida pelos alunos Ágatha Santos, Jaqueline Suarez, Larissa Bozi e Luis Henrick Teixeira, conquistou os prêmios de melhor revista e melhor reportagem – intitulada “Para sempre mães de anjos” – na XXIII Prêmio Expocom Sudeste 2016.

É o processo de produção da revista *Contraponto* e da reportagem “Para Sempre mães de anjos” que o presente texto abordará.

2- **Contraponto**

O tema da publicação, segmentada em sociedade e cultura, é o Rio de Janeiro e sua sub-representação na grande mídia. A proposta foi realizar coberturas mais abrangentes e reflexivas, contribuindo para o questionamento dos estereótipos e para a visibilidade dos conflitos sociais. A primeira edição, com 72 páginas, apresenta diferentes formatos jornalísticos, como reportagem, opinião, entrevista, crônica, perfil e galeria de imagens. Uma tentativa de diversificar os assuntos e a forma como estes são apresentados ao leitor.

O nome da revista foi escolhido buscando estabelecer uma coerência com o propósito do veículo de modestamente representar um contraponto ao que é veiculado pela mídia tradicional. Já na capa, a fotografia dialoga com a matéria principal e ilustra uma cena bastante comum nas favelas cariocas: uma criança soltando pipa. Segundo ROCHA (2010), esses espaços são uma imagem referência do Rio de Janeiro na mídia, com enfoque para a violência. Entretanto, a foto escolhida teve como propósito construir outros significados sobre os espaços mencionados. Buscou-se criar uma capa com poucos elementos, visando colocar a imagem em destaque.

Quanto ao sumário, desempenha a função de elemento gráfico constitutivo da sua identidade. Foi criado tendo como base o mapa do Rio de Janeiro, tentado passar para o leitor a ideia de um *check-in* nos bairros onde foram realizadas as matérias. Podemos afirmar que foi uma escolha estética capaz de sugerir aos leitores a abrangência espacial das pautas produzidas. A escolha das mesmas considerou três aspectos: relação com a cidade; relevância social; e sub-representação na grande mídia.

No sentido de entender a proposta das coberturas realizadas para a revista *Contraponto* é fundamental partir da constatação de que os meios de comunicação representam um importante espaço de representação na sociedade. A narrativa jornalística atribui valores, que transformam ou reforçam determinadas crenças sociais, conforme VAZ (2013), construindo socialmente a realidade. Podemos inferir que o conjunto de ideias criadas a respeito de um determinado grupo ou espaço se constitui, majoritariamente, pelos elementos simbólicos fornecidos pela mídia. A partir disso, a *Contraponto* pretendeu empreender uma reflexão sobre a representação do Rio de Janeiro e dos cariocas no jornalismo e como esta representação influencia o imaginário acerca da cidade, objetivando uma releitura dos assuntos veiculados na mídia tradicional.

Podemos destacar atualmente, na capital carioca, cinco jornais: *O Globo*, *Extra*, *Meia Hora*, *O Dia* e *Expresso*. Embora pertençam a duas empresas diferentes, fica evidente que todos são bem parecidos, tanto no que concerne às suas pautas como às suas ideias e opiniões, segundo VAZ (2013). Ou seja, compartilhando novamente do pensamento de ROCHA (2010), predomina um certo consenso sobre o quê e como noticiar, colocando em evidência uma substancial carência de visibilidade e diversidade na cobertura de diversos temas. As notícias são apresentadas a partir de um mesmo enfoque, com fontes e opiniões que pouco divergem e/ou aprofundam a discussão.

Remetendo a KARAM (1997), o jornalismo precisa mostrar visões políticas e ideológicas contraditórias, ceder espaço para o plural e o particular, “deve mostrar tanto aquilo que humaniza quanto aquilo que desumaniza o homem” (KARAM, 1997, p.94). Assim, a revista fundamenta-se em três princípios que nortearam todo o seu processo de produção: dar visibilidade a questões sociais características do Rio, empreender um jornalismo humanizado e ir na contramão da lógica mercadológica.

No tocante às pautas da *Contraponto*, todas trataram de temas que são constantemente relacionados à cidade na mídia, de modo negativo, como as favelas, os

trabalhadores ambulantes e os moradores de rua. Nas páginas da revista, essas histórias ganharam espaço, rosto e voz. Por conseguinte, em nenhum momento a preocupação foi com uma narrativa objetiva e imparcial; pelo contrário, buscou-se um jornalismo descritivo, capaz de mergulhar no contexto de cada personagem. Matérias como foco em pessoas protagonistas de diferentes tipos de lutas sociais, em diversos pontos do Rio de Janeiro.

É incontestável o fato de que, no Rio, existem grupos e espaços marginalizados em relação ao protagonismo jornalístico: comunidades literalmente dilaceradas pela carga simbólica produzida e/ou reforçada pela mídia hegemônica, por meio de representações estereotipadas e reducionistas. Na maioria das vezes, são construídas narrativas com o propósito de realçar os fatos e esquecer os nomes, enfatizando determinados temas em certos lugares e os condenando a serem vistos a partir de um mesmo enfoque, aqui mais uma vez comungando das ideias de ROCHA (2010).

Por isso, a meta buscada pela equipe que elaborou *Contraponto* foi oferecer ao leitor uma visão amplificada das realidades que coexistem na Cidade, através da valorização da diversidade social e cultural nela presentes. Além disso, contribuir para o debate que envolve a identidade desse complexo espaço e de seus moradores. Apresentar ao leitor o Rio de Janeiro o que a cidade tem de específico, distanciando-se, assim, dos estereótipos que o limitam à um ponto turístico ou a uma zona de violência, uma verdadeira Faixa de Gaza, termo utilizado reiteradas vezes pela mídia tradicional.

Além do espaço da reflexão, a equipe que produziu a *Contraponto* procurou aproximar-se, o máximo possível, do jornalismo crítico e humanizado. E foi dessa forma que o processo de produção das matérias – que interessa particularmente ao presente texto - buscou uma representação mais humana e próxima da realidade dos personagens. Foram trabalhados, esmiuçados temas de relevância social para permitir o questionamento de valores e comportamentos. A intenção que perpassou todo o citado processo foi criar uma representação mais complexa e real, com narrativas mais sensíveis. Representação capaz de amplificar a luta e a voz de grupos tão mal representados pela mídia tradicional.

3- Processo de produção e conteúdo da Contraponto

Os aspectos específicos do veículo revista foram definidos ainda nas primeiras aulas da disciplina Planejamento Editorial, com o objetivo de ambientar e preparar os alunos para o exercício do jornalismo de revista. Ressaltamos que as atividades de planejamento e execução da Revista foram precedidas por aulas teóricas e debates, não apenas entre os grupos, mas também envolvendo a docente responsável pela coordenação de todos os projetos. Aqui, remetemos à SCALZO (2013), entendendo que a relação com o leitor (conhece o perfil do público e, principalmente, o trata com mais intimidade e proximidade); o formato (fácil de carregar, folhear); e a periodicidade são alguns aspectos que caracterizam a produção das revistas e as diferenciam dos outros veículos. Estes aspectos permitem que as mesmas apresentem um conteúdo mais abrangente e diversificado, sendo capazes de confirmar, explicar ou aprofundar histórias já publicadas por mídias tradicionais, além de possuírem mais tempo para elaborar a pauta, realizar a apuração e explorar diferentes ângulos.

Podemos dividir o processo de produção da *Contraponto* em duas etapas: planejamento e execução do veículo. Na primeira, definiu-se o segmento, foi elaborada a linha editorial, projetado um escopo gráfico e sugeridas as pautas. O nome, a proposta de capa, o número de páginas, as editoriais, a linguagem, os gêneros textuais e os recursos visuais foram os demais aspectos estabelecidos nessa fase. Na segunda, teve início a apuração e a produção dos textos, concomitantemente à produção das fotos, ilustrações e outros elementos gráficos. Todas as matérias realizadas eram enviadas para revisão da professora da disciplina, responsável pela revisão, como dito, análise dos textos e sugestão das alterações/acréscimos. Na parte final, ocorreu a diagramação do produto, bem como a revisão geral de todo o seu conteúdo.

No início das atividades, o processo de apuração foi de suma importância para o produto final, envolvendo um amplo trabalho de pesquisa. Foram selecionadas as leituras específicas mais pertinentes realizadas pelo grupo sobre os temas abordados (livros, artigos acadêmicos, estatísticas e histórico na mídia), além das bibliografias apresentadas em sala de aula, que embasaram o processo geral de produção. Convém destacar ainda o contato com as fontes, que em várias ocasiões precisou ser estabelecido aos poucos, no sentido de desenvolver uma relação de confiança entre repórter e entrevistado.

Os cuidados na apuração foram perseguidos pela equipe que realizou *Contraponto* durante a produção de todos os textos. Em relação às características que orientavam a linguagem utilizada nas matérias, destacamos: simplicidade, sensibilidade e atenção ao vocabulário. Simplicidade significa, em poucas palavras, a opção por períodos mais curtos, termos e expressões usuais: “textos simples são mais fáceis de entender, além de mais elegantes” (SCALZO, 2013, p.58). Linguagem sensível, por sua vez, é aquela capaz de colocar em primeiro plano a figura humana, mas sem explorar seus sentimentos, suas emoções. E a preocupação na seleção vocabular está relacionada à carga simbólica que as palavras adquirem em determinados contextos.

A entrevista com o *Movimento Rio Eu Amo, Eu Cuido*, uma iniciativa que promove intervenções sociais e culturais em diferentes pontos do Rio de Janeiro, ocupa as primeiras páginas da Revista (páginas 6 a 9). O texto “Na crônica Rio: um amor à primeira vista” (página 10) é da colaboradora, também estudante do curso de Jornalismo da Rural, Bárbara de Carvalho, que narrou a Cidade a partir do olhar de um visitante. Para tentar conhecer o perfil das pessoas que passam pela Rodoviária Novo Rio foi criada a sessão *Cariocas*. Assim, “A cara do Rio” (páginas 11 a 17) conta a história de seis cariocas, pessoas que nasceram ou escolheram a Cidade para viver. Com o propósito de tratar de temas polêmicos e preconceitos o grupo criou a sessão *Sem Filtro*, com a matéria “Elas trabalham” (páginas 18 a 21), apresentando informações sobre a prostituição, com enfoque no estigma e na legalização da profissão.

Na matéria “Olhe nos meus olhos, sou ser humano” (páginas 22 a 25), um momento onde a equipe pôde exercitar o esforço de reportagem de forma peculiar, sensível, vivenciando a realidade dos moradores. Além da história de Silvio, ex-morador de rua entrevistado, outros relatos permitiram à equipe de *Contraponto* caminhar no sentido do aprofundamento e da humanização do texto. Este espaço também foi destinado a uma grande reportagem, “Para sempre mães de anjos” (páginas 26 a 35), sobre a tragédia ocorrida na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, em 2011, que provocou comoção nacional, a primeira (e única) chacina em uma instituição de ensino da história do país. Um relato humanizado sobre como as mães das 12 crianças assassinadas conseguiram transformar a dor da perda de seus filhos em luta por melhores condições nas escolas.

A sessão *Galeria* trouxe um ensaio fotográfico protagonizado pelos trabalhadores informais da Praia de Copacabana. O texto “Os trabalhadores da

princesinha do mar” (páginas 36 a 41) revela elementos característicos do Rio de Janeiro, como o profissional ambulante e a beleza natural da Cidade.

A reportagem de capa, “Uma guerra sem vencedor” (páginas 42 a 49), traz ao debate a violência e a banalização da morte, nos conflitos entre o chamado “poder paralelo” e a polícia. No entender de ROCHA (2010), o confronto armado e a violência simbólica nas favelas do Rio de Janeiro são temas constituintes da identidade da Cidade na mídia. O texto pretende se afastar da polarização bastante comum que envolve o tema, jogando foco sobre as famílias vítimas da violência. Nele, podemos conferir as entrevistas com a mãe de dois jovens envolvidos com o tráfico de drogas, assassinados na Favela do Acari, e a viúva de um policial militar, executado quando saía do serviço. Ambas não puderam ser identificadas e a reportagem precisou ser ilustrada por um ensaio fotográfico.

A sessão *Ritmos* apresenta ao leitor “Um pedacinho do nordeste” (páginas 50 a 53). Nesta matéria, é revelada a integração entre a cultura carioca e a nordestina, no Centro Cultural de Tradições Nordestinas, em São Cristóvão. O aluno Luís Henrique Teixeira conversou com alguns grupos musicais que se apresentam na Feira e pôde atestar que forró também é uma preferência dos cariocas.

“Desculpe incomodar a sua viagem” é o título da matéria que vai das páginas 54 a 57 e a frase repetida pelos vendedores ambulantes que trabalham dentro dos ônibus e trens que cortam a Cidade para começar promoção e a venda de seus produtos. Objetivando abordar desde a rotina de trabalho até a criminalização da profissão, foram entrevistados vendedores ambulantes do Terminal da Alvorada, na Zona Oeste.

Por sua vez, *Vencedores* foi um espaço criado dentro da *Contraponto* no sentido de realçar o potencial de transformação social que o esporte é capaz de fazer. A matéria “Lutar para vencer” (páginas 58 a 61) analisa um projeto social que, através do ensino das artes marciais, vem transformando a vida de crianças e adolescentes das comunidades do entorno do bairro do Grajaú, na Zona Norte da Cidade.

Em 2011, um acidente em Santa Teresa denunciou o estado de abandono do bondinho e sua circulação foi suspensa. No formato de crônica, “Pelos trilhos de Santa Teresa” (páginas 62 a 65) destaca a importância cultural do bondinho para o Rio e seus moradores.

Considerado o propósito da revista, foi importante falar do papel dos veículos de comunicação comunitária. No Rio, o jornal *O Cidadão*, do Complexo de Favelas da

Maré, se destaca como um dos mais antigos e de maior repercussão. A origem, as relações com a comunidade e os desafios de sua produção foram o foco da entrevista que vai da página 66 até a 69.

Por fim, o artigo de opinião escrito pela colaboradora Ana Lúcia Vaz, professora do curso de Jornalismo da UFRRJ, debate a repercussão dos arrastões na Zona Sul, tanto na internet quanto nos jornais. Desse modo, “De boa, o que você pretende construir com suas palavras” (página70) pretende ser um esforço de ir na contramão dos discursos de ódio disseminados pelos quatro cantos do Rio.

4- Processo de produção da reportagem Para sempre mães de anjos

A pauta foi apresentada para a docente responsável pela disciplina, que imediatamente orientou a equipe de *Contraponto* a elaborar uma ampla pesquisa sobre o material divulgado pela imprensa. Foi necessário conseguir entrar em contato com os entrevistados, todos sem nenhuma relação prévia com a equipe. Nas reuniões, a professora- orientadora definiu um prazo de pouco mais de dois meses para as pesquisas, entrevistas e redação da matéria (primeira versão).

O aluno Luís Henrique Teixeira analisou qual seria a melhor maneira de conseguir estabelecer contato com as famílias. Pesquisas na internet levaram outra integrante da equipe, Jaqueline Suarez, a obter o contato da assessora de imprensa do Instituto Mães Sem Nome, que dá apoio àquelas que perderam seus filhos das mais diversas formas. Entre as parceiras da Instituição está a ONG *Anjos de Realengo*, onde a equipe conseguiu falar com a presidente, Adriana Silveira, mãe de uma das vítimas da tragédia.

Foi agendada com Adriana, depois de explicada a proposta da reportagem, uma data para a entrevista com algumas das mães e outros familiares que se sentissem em condições de falar. Ela sugeriu que o encontro ocorresse na Praça Anjos da Paz, construída ao lado da Escola Tasso da Silveira em homenagem às crianças. No dia, os integrantes de *Contraponto* acharam oportuno chegar antes do horário agendado, para identificar o local, já que não conheciam o bairro. Na Praça, três mães foram entrevistadas: Joseane dos Santos, Inês Moraes e Adriana Silveira. Além delas, estava

presente, também, Sônia Moreira, uma avó que criou Larissa dos Santos como uma filha, e Eduardo Moraes, outro filho de Inês, que sobreviveu à tragédia.

Depois de muito pesquisar sobre a cobertura da tragédia ocorrida na escola de Realengo, realizada pela grande mídia, o grupo definiu a angulação a ser dada à matéria: ceder um espaço de voz às mães. O propósito da reportagem, ao apresentar a história das famílias antes e depois da tragédia, foi voltar ao caso, praticamente esquecido pela agenda da mídia hegemônica e excludente, a partir de outra perspectiva. O repórter optou, conseqüentemente, em angular a apuração de modo a não falar sobre o atirador, que não era o foco da entrevista: “O jornalista pode mostrar só um lado, expressar sua opinião e usar adjetivos expondo ao leitor seu ponto de vista, e ainda assim fazer uma reportagem muito mais objetiva que a maioria das matérias publicadas diariamente nos jornais comerciais”. (VAZ, 2013, p. 107).

A reportagem promove o debate acerca da falta segurança dentro das instituições públicas de ensino, exposta pela chacina. O citado debate também se constituiu pauta de luta do movimento organizado pelas mães das vítimas. Durante o processo de apuração, a equipe se viu frente a frente com outros questionamentos, como, para citar um exemplo, a relação do local da tragédia com a comunidade. Assim, foi relevante ambientar o leitor no contexto em que estão inseridos os personagens para uma melhor compreensão do simbolismo para as famílias das estátuas e da escola, hoje reformada.

“Para sempre mães de anjos” aproveitou, desde a delimitação da pauta até sua editoração, conceitos transmitidos aos alunos em disciplinas como Introdução à Linguagem Jornalística e Planejamento Editorial. O repórter realizou uma ampla pesquisa do material disponível na internet e jornais da época, pesquisa esta essencial para a compreensão de tudo aquilo que foi divulgado pelos grandes veículos. A partir daí, o intuito foi criar uma pauta que se distanciasse do que já havia sido publicado. Após o primeiro contato com Adriana Silveira, uma das mães e presidente da ONG *Anjos de Realengo*, foi definido o gênero de entrevista que seria realizada com as famílias: um perfil de compreensão-aprofundamento humanizado. E, nesse momento, dialogamos com as ideias de MEDINA (1990), quando a autora esclarece que, diferente da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para literalmente condenar a pessoa - que já estaria pré-condenada - ou para glamorizá-la sensacionalisticamente.

Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida.

A intenção da abordagem foi, com cuidado e atenção a cada detalhe, conhecer a história das famílias das crianças de forma aprofundada, destacando o papel de ouvinte do repórter, o que significou não interromper a fala das entrevistadas. Nesse contexto de produção da reportagem, no que se relaciona à linguagem visual, as fotografias partiram da premissa de informar, mais do que apenas registrar.

Todos os áudios das entrevistas foram decupados para passar uma informação mais próxima da realidade ao leitor. O material foi organizado em entretítulos e com um texto de abertura, com cada uma das partes tratando de um momento da história das famílias, começando com a rotina antes da tragédia, passando pela fundação da ONG *Anjos de Realengo* e finalizando na representação social e simbólica das estátuas.

A diagramação encerrou todo o processo de elaboração da reportagem. Foram 72 páginas que compuseram a versão final da revista *Contraponto*. No que concerne às fotografias, foram registradas pelas alunas Ágatha Santos e Tarcila Viana, com edição de Larissa Bozi, e contribuíram para uma maior ambientação da Praça Anjos da Paz e da Escola Tasso da Silveira depois da reforma. Além de uma melhor identificação dos personagens retratados na reportagem.

5- Considerações Finais

Quando a equipe responsável pela elaboração da revista *Contraponto* procurou a docente da disciplina Planejamento Editorial para o primeiro encontro, a proposta do veículo pareceu ousada e de difícil execução. Afinal, se para profissionais com experiência em apuração e anos de mercado saber como abordar, da melhor maneira possível, personagens marginalizados pela sociedade não é tarefa simples, mais difícil ainda seria para estudantes do quarto período de um curso de Jornalismo.

Outro aspecto que preocupou a todos, no momento inicial, dizia respeito à escolha do modo mais adequado de relatar o apurado nas ruas, nas entrevistas. Sem esquecer do obstáculo que acompanhou todo o processo de produção da Revista: a falta do programa específico para realizar a editoração eletrônica de *Contraponto*. Contudo, passados os dois primeiros meses, uma boa surpresa: a equipe já produzia a todo vapor, ia às ruas, com perspicácia e olhos humanizados, se misturava com os personagens que retratava. E o resultado surpreendeu: a realização de um jornalismo de qualidade, da pauta à impressão da Revista. Um jornalismo como poucas vezes vem sendo feito pela grande mídia, incapaz de lançar um olhar humanizado sobre a Cidade e os que nela vivem.

Aqui, cumpre lembrar que a revista *Contraponto* foi produzida por duas alunas do Rio de Janeiro, uma da Bahia e outro aluno, de São Paulo, e esta variedade cultural foi determinante para escolha do tema e linha editorial do veículo. Isso porque havia uma diferença considerável de percepção com relação à Cidade entre as alunas cariocas e os integrantes de fora do Estado. Há quase dois anos no Rio, eles já percebiam contradições entre a realidade mediada que conheciam e a que vivenciavam diariamente. Por fim, criou-se em todo o grupo a vontade de produzir um veículo mais próximo da realidade carioca, diversificado e pautado nos conflitos sociais.

Além disso, o aniversário da Cidade - que em 2015 comemorou 450 anos e vivenciava um momento de visibilidade nacional e internacional, devido aos grandes eventos nela sediados – foi mais um fator que instigou a equipe. Provocou os alunos no sentido de produzirem um material que representasse o oposto das coberturas que tão somente exaltavam as belezas do Rio de Janeiro, a partir dos pontos mais nobres da Zona Sul. Era preciso, também, voltar as atenções para os problemas públicos, mas de

modo diferente das reportagens polarizadas que se multiplicavam na imprensa. Reportagens que reduziam a Cidade ao paraíso ou a um problema.

E, durante toda a trajetória percorrida pela equipe de *Contraponto*, quando muitas vezes os discentes perceberam que o planejamento nem sempre consegue ser seguido e algumas decisões precisam ser tomadas de imediato, o curso pôde oferecer ao grupo a oportunidade de aprender jornalismo da melhor maneira possível: na prática, indo a campo, apurando, por vezes apanhando, mas sempre aprendendo.

Quanto tempo se deve esperar pelo retorno de uma fonte? Como se decide a hora certa de derrubar uma pauta? perguntas que surgiram e foram respondidas em sala de aula, pela orientadora, ou na própria rua, a partir da necessária e oportuna vivência. Nada melhor do que vivenciar os fatos. É fato.

Diante do exposto, podemos inferir que o projeto permitiu a experimentação do jornalismo aprofundado, crítico e humanizado, além de ter estimulado o exercício de gêneros textuais variados, da fotografia e da diagramação. Apresentou a rotina de produção, o compromisso com os prazos, a coleta de informações e relacionamento com as fontes.

Todo o aprendizado ganho na elaboração da revista *Contraponto* esperamos que seja de grande importância para os futuros jornalistas, especialmente a responsabilidade de ocupar o espaço de fala e contar a história do outro.

6- Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica**. O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

JAWSNICKER, Cláudia. O futuro dos jornais: reflexões a partir da reconfiguração da esfera pública na contemporaneidade. **Revista Comunicologia**, Ano 02, nº 03, Brasília, 2008.

KARAM, Francisco. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: USP, 1997.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

MATTOS, Sérgio. Desafios do jornalismo na era digital. **Observatório da Imprensa**, em 07/12/2010. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/desafios-do-jornalismo-na-era-digital/>. Acesso em 21/06/2016.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1990.

MEYER, Philip. **The vanishing newspaper. Saving journalism in the information age**. Missouri: University Press, 2004.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIGHETTI, Sabine & QUADROS, Ruy. Impactos da internet no jornalismo impresso. **EcoDebate:** Cidadania e Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/impactos-da-internet-no-jornalismo-impresso>. Acesso em 21-06-2016.

ROCHA, Daniela. **Da Batalha à Guerra do Rio:** uma abordagem espaço-temporal da representação das favelas na imprensa carioca. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista.** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, Marcio Renato. O Futuro do jornal – Vida de papel. In **Gazeta do Povo**, 14/02/2009.

VAZ, Ana Lucia. **Jornalismo na Correnteza.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2013.